

Discurso Coletivo de Afirmação sobre vivências da pandemia de covid-19 na favela São Remo

The Discourse of Collective Affirmation about COVID-19 pandemic life experiences in the São Remo favela

Oswaldo Santos Baquero^{1,2}, Júlia Amorim Faria¹, Sara Cristina Aparecida da Silva³, Dora Mariela Salcedo Barrientos^{2,4}, Ana Claudia Camargo Gonçalves Germani^{2,5}, Gislene Aparecida dos Santos^{2,6}

DOI: 10.1590/2358-289820251447912P

¹Universidade de São Paulo (USP), Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia (FMVZ), Departamento de Medicina Veterinária Preventiva e Saúde Animal (VPS) – São Paulo (SP), Brasil.

baquero@usp.br

²Universidade de São Paulo (USP), Instituto de Estudos Avançados (IEA), Grupo de Pesquisa das Periferias (nPeriferias) – São Paulo (SP), Brasil.

³Universidade de São Paulo (USP), Faculdade de Medicina (FM), Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional (Fofito) – São Paulo (SP), Brasil.

⁴Universidade de São Paulo (USP), Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH), Curso de Obstetrícia – São Paulo (SP), Brasil.

⁵Universidade de São Paulo (USP), Faculdade de Medicina (FM), Departamento de Medicina Preventiva (DMPPr) – São Paulo (SP), Brasil.

⁶Universidade de São Paulo (USP), Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH), Curso de Gestão de Políticas Públicas (GPP) – São Paulo (SP), Brasil.

RESUMO Este artigo apresenta o Discurso Coletivo de Afirmação (DCA) como ferramenta de pesquisa participativa, exemplificando seu uso para compreender e documentar vivências da pandemia numa favela. O DCA resultante, composto por textos e fotos dos moradores, contextualiza a pandemia, descreve a gestão do cuidado comunitário, identifica desafios particulares com relação a crianças e adolescentes, além de explorar benefícios e dificuldades do convívio com animais outros-que-humanos. A utilização de textos e imagens dos moradores, num discurso revisado e aprovado por eles, aumentou o repertório disponível para aprofundar o conhecimento das vivências da pandemia, além de permitir a produção de um material afirmativo, informativo e reivindicativo.

PALAVRAS-CHAVE Infecções por coronavírus. Pesquisa participativa baseada na comunidade. Vulnerabilidade social. Fatores socioeconômicos. Território sociocultural.

ABSTRACT This article introduces the Discourse of Collective Affirmation (DCA) as a participatory research tool, showcasing its application in understanding and documenting pandemic living experiences within a favela. The resulting DCA, composed of texts and photographs provided by residents, contextualizes the pandemic, illustrates community care practices, highlights challenges faced by children and adolescents, and examines the benefits and difficulties of living with other-than-human animals. By incorporating residents' texts and images into a discourse that they reviewed and approved, the process expanded the repertoire for understanding pandemic living experiences while facilitating the production of affirmative, informative, and advocacy-oriented material.

KEYWORDS Coronavirus infections. Community-based participatory research. Social vulnerability. Socioeconomic factors. Sociocultural territory.



Introdução

Os sujeitos envolvidos diretamente numa pesquisa, sem serem coautores de publicações acadêmicas, participam de formas variadas, numa ou mais fases do estudo, individualmente ou em grupos. As formas de participação variam desde a simples provisão de depoimentos ou o oferecimento de material biológico até a definição dos objetivos, a captação de recursos e todas as etapas subsequentes, incluindo a aprovação e a divulgação dos produtos finais. A pesquisa participativa não denota todo o espectro de participação, apenas aquele condizente com a ideia de que a pesquisa é feita 'com' e não 'sobre' as pessoas^{1,2}.

Mesmo sendo participativas, as pesquisas podem se prestar tanto ao favorecimento dos modos de poder prevaletentes como a processos afirmativos e emancipatórios. Uma vertente que se destaca não só como precursora da virada participativa, mas, também, pelo compromisso emancipatório e origem no Sul global, é a Investigação-Ação Participativa (IAP), desenvolvida a partir da década de 1970 por acadêmicos-ativistas, como o sociólogo Orlando Fals Borda³. A IAP valoriza os processos e os resultados práticos. Não é uma coleção de técnicas e se destaca por explicitar posicionamentos políticos³. Mais do que buscar a inclusão ou o ajuste dos sujeitos marginalizados na ordem social dominante, a IAP colabora para que eles, a partir dos seus objetivos, vivências e saberes, questionem e transformem essa ordem³.

O Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) é um método qualitativo e quantitativo compatível com a pesquisa participativa⁴. Nele, os colaboradores contribuem com depoimentos, que são transformados em textos e redigidos na primeira pessoa do singular, para representar expressões-chave às quais se associa a frequência ou o número de participantes que as evocam⁴. Para indicar e entender que num dado texto o 'eu' é, ao mesmo tempo, um sujeito e um coletivo, e que, mesmo provindo de um indivíduo, representa um coletivo, os textos

devem ser lidos a partir de um arcabouço teórico que pode não ser facilmente compreensível por quem não tem familiaridade com os modos acadêmicos, em especial, os da teoria social e das representações sociais⁴.

Isso não quer dizer que os resultados de um DSC sejam ininteligíveis para um público não especializado, posto que as expressões-chave são usualmente enunciadas em linguagem coloquial⁴. Entretanto, a interpretação dos enunciados como componentes do discurso de um 'sujeito coletivo' está circunscrita, em boa medida, ao âmbito acadêmico, devido à complexidade hermenêutica posta em causa⁴.

O DSC é compatível 'com', mas não é, invariavelmente, um caso de pesquisa participativa, visto que uma enquete já oferece o material necessário para aplicar a metodologia. No DSC, a participação não precisa se estender além da provisão de depoimentos.

Os discursos coletivos, sejam ou não instâncias do DSC, podem ser complementados com outros métodos participativos, assim como elementos do DSC podem ser incorporados em outros métodos. O fotovoz (*photovoice*), uma possibilidade etnográfica de complementação, vale-se do diálogo instigado por fotografias tiradas pelas participantes para compreender as situações subjacentes às fotografias, o lugar das participantes nessas situações, assim como a conveniência e as possibilidades de transformação dessas situações⁵. A problematização dos modos de poder e a produção de materiais apoiados nas fotos para sustentar reivindicações e processos emancipatórios são frequentemente inseridas na aplicação do fotovoz⁶. Os discursos coletivos são uma possibilidade para conferir sentido às fotografias participativas e a outros aportes das pessoas envolvidas na pesquisa.

Os discursos coletivos participativos (participação além da provisão de depoimentos) e voltados à transformação de vivências marginalizadas são uma fonte de conhecimento e reivindicação, condizentes com a promoção da saúde multiespécie, entendida como práxis que fundamenta as ações no conhecimento dos efeitos patológicos da marginalização e

que coproduz conhecimentos a partir de ações contra a marginalização, voltadas ao florescimento do bem-viver mais-que-humano⁷⁻⁹.

O agronegócio, o extrativismo e, mais genericamente, a primazia do capital sobre o bem-viver propiciam cenários pandêmicos, a partir da marginalização de coletivos multiespécies¹⁰. A covid-19, um caso de transbordamento zoonótico, tem envolvido coletivos multiespécies desde sua origem¹¹ até os desdobramentos da emergência sanitária que ela desencadeou. Se, por um lado, os povos indígenas e os coletivos multiespécies não urbanizados sofrem com a exacerbação do extrativismo intensificado pela conjuntura política da pandemia, os coletivos multiespécies nas cidades não têm ficado ilesos¹². As políticas de austeridade agudizadas durante a pandemia exacerbaram o crescimento das periferias, levando a novas ocupações informais e a maior precarização da vida de humanos e de outros animais¹². A comunidade da favela Jardim São Remo, localizada na Zona Oeste do município de São Paulo, envolveu-se em processos de ocupação, vivenciou a precarização e gerou respostas comunitárias para superar a emergência sanitária.

No presente trabalho, propõem-se os Discursos Coletivos de Afirmação (DCA), não como um tipo de análise de discurso, mas como um método para facilitar a pesquisa participativa, numa abordagem inclinada à IAP. Ilustra-se sua aplicação em conjunto com outro método, o fotovoz, para documentar vivências da pandemia de covid-19 na favela Jardim São Remo, no município de São Paulo, numa perspectiva de saúde multiespécie.

Material e métodos

Local

O Jardim São Remo é uma favela localizada na Zona Oeste do município de São Paulo, na vizinhança da Cidade Universitária Armando Salles de Oliveira, *campus* Butantã da

Universidade de São Paulo (USP)¹³. De acordo com Grinover e Zuquim, a demanda de mão de obra para construir a universidade convocou imigrantes, principalmente do Nordeste, que vieram se instalar, provisoriamente, na área em que se localiza a São Remo¹⁴. Após o encerramento das obras, a comunidade permaneceu no lugar e, desde então, sofre os efeitos da marginalização. Os problemas com saneamento básico continuam, e, durante a pandemia de covid-19, surgiu uma ocupação irregular no Buracanã, um terreno baldio da São Remo. O Circo Escola, maior equipamento sociocultural da comunidade, que atendia a aproximadamente 300 crianças no contraturno escolar, fechou durante a pandemia por problemas estruturais e, até a data de redação do presente artigo, continua fechado¹⁵. De acordo com um censo que realizamos na São Remo, cuja data de referência é 01 de janeiro de 2019, nos domicílios da comunidade residiam 8.457 pessoas, 983 pássaros, 745 cães, 685 gatos¹⁶. A presença de outras espécies animais foi relatada pelas moradoras, assim como conflitos com animais sinantrópicos (animais não domésticos habituados a viver perto dos humanos)¹⁷. A relação animal domiciliado: criança foi de 1,56:1¹⁶.

Coparticipantes

A Rede Saúde Multiespécie (Rede Same), da USP, vinha desenvolvendo ações de promoção da saúde na São Remo, quando foi reconhecido o estado de calamidade pública devido à pandemia de covid-19. No âmbito dessas ações, um articulador da comunidade questionou as narrativas sobre a vivência da pandemia por parte de pessoas que não moram nas favelas. Manifestou a necessidade de construir e dar visibilidade a discursos e demandas oriundos das favelas. Como resposta, um grupo de pesquisadoras da Rede Same e do Grupo de Pesquisa das Periferias do Instituto de Estudos Avançados da USP (nPeriferias-IEA) se dispôs a colaborar para a produção de um discurso coletivo para documentar algumas vivências pandêmicas da

São Remo, aprender sobre a capacidade de resposta periférica à pandemia e entender melhor as condições em que devem ser atendidas as demandas de quem vivencia emergências sanitárias em um território como a São Remo.

O grupo de pesquisa da universidade envolveu duas estudantes brancas, uma de graduação e procedente de uma periferia urbana, outra mestranda de classe média; uma professora branca, uma professora preta, além uma professora e um professor pardos ('morenos') e migrantes, do Peru e da Colômbia, respectivamente.

Ao articulador mencionado somaram-se duas articuladoras da comunidade, e os três convidaram outros moradores da São Remo para construir o discurso coletivo. Foram 15 moradoras (10 homens), com idades entre 19 e 68 anos (média: 38,5), sendo 69% pardos, 23% pretos e 8% brancos.

Obtenção de relatos e fotografias para o DCA

O procedimento para obter fotografias de forma ética e segura foi enviado aos participantes da São Remo via WhatsApp, em formato de texto e áudio. A opção pelo formato não presencial foi consequência da pandemia. As fotos foram o meio usado pelos participantes da São Remo para responder às seguintes perguntas: (A) Na sua casa, o que te protege de pegar covid-19?; (B) Na sua casa, o que mais te coloca em risco de pegar covid-19?; (C) Na sua casa, o que tem sido mais vantajoso de morar com animais durante a pandemia?; (D) Na sua casa, o que tem sido mais difícil de morar com animais durante a pandemia?; (E) O que mais tem feito seus animais sofrerem durante a pandemia? Posteriormente, foram feitas perguntas comumente utilizadas nas pesquisas de fotovoz: (A) O que você vê na foto?; (B) O que realmente está acontecendo?; (C) Como isso se relaciona com nossas vidas?; (D) Por que essa situação existe?; (E) O que podemos fazer sobre isso?¹⁸. Tal sequência mostrou-se de difícil compreensão, e as respostas limitaram-se, na maioria dos casos, às

duas primeiras questões, mesmo após tentativas de explicação via texto, áudio e ligação telefônica. Isso ocorreu mesmo havendo-se discutido previamente a pertinência e a formulação das perguntas com os articuladores comunitários. As respostas a esse segundo conjunto de perguntas foram registradas em áudio e texto. No fotovoz, esse segundo grupo de perguntas pode ser feito coletivamente, para discutir e refletir não somente sobre as próprias fotos. Embora a tentativa tenha sido realizada num grupo de WhatsApp, não se mostrou viável, porque alguns participantes não quiseram se manifestar dentro de um grupo que incluía vizinhos com os quais possuíam atritos pessoais. Desse modo, o procedimento foi realizado individualmente. Adicionalmente, houve entrevistas abertas com os três articuladores comunitários, guiadas pelo questionamento sobre o processo de ocupação do Buracanã, as ações de captação e distribuição de doações e o fechamento do Circo Escola.

Organização, aprovação e divulgação do DCA

Duas participantes do grupo da universidade transcreveram os áudios e organizaram os textos e as fotos, com base nas perguntas que foram respondidas com fotos e nos temas abordados nas entrevistas com os articuladores. Outros três participantes do grupo da universidade revisaram o documento resultante e sugeriram modificações. Após uma sequência de cinco revisões, chegou-se a uma versão que, para o grupo, era a melhor forma de apresentar o discurso.

Com base nessa versão, criou-se uma outra para cada participante da São Remo, de modo que cada um pudesse ver o texto completo, só com as fotografias que tirou. As fotos de outros participantes foram substituídas por um espaço em branco. Cada participante da São Remo indicou se havia alguma informação errada, algum posicionamento com o qual não compactuava, se concordava com a forma como seus relatos e fotografias foram inseridos no texto, e se o sentido dado ao texto era

representativo das suas próprias vivências e de outros moradores da comunidade. Finalmente, criou-se mais uma versão, incorporando todas as considerações recebidas e as fotografias cedidas para compor o discurso. Essa versão recebeu aprovação unânime. A divulgação do documento foi realizada na página da Rede Same¹⁹, num repositório eletrônico²⁰ e nas redes sociais locais.

Houve um esforço por manter os relatos originais. No entanto, para facilitar a leitura, os participantes da universidade realizaram algumas alterações para concatenar ideias, acrescentar termos implícitos no contexto e melhorar a concordância de gênero e número entre frases de registros diferentes. Essas alterações foram marcadas em cor cinza no DCA, para explicitar a contribuição desses participantes no conteúdo do discurso. Todas as pessoas envolvidas na elaboração do discurso foram convidadas para figurar explícita e nominalmente na coautoria do expediente do documento publicado. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da USP (CAAE: 37575020.8.0000.5390, parecer 4.293.144).

Resultados

A revisão que os participantes da São Remo fizeram do DCA inicialmente proposto pelos participantes da universidade levou à modificação de algumas informações. Uma participante solicitou a remoção de um dos seus relatos e de duas fotos, e, apesar de ter autorizado a utilização de outros relatos, também pediu para não incluir o seu nome no expediente detalhado no documento divulgado. O DCA (versão 5211531 depositada no repositório²⁰) tem 6,815 palavras, das quais, 669 (9,8%) são modificações realizadas por participantes da universidade. O DCA foi dividido em quatro tópicos.

Dada a extensão do DCA e o limite do número de palavras que podem ser incluídas neste artigo, o que segue é uma breve apresentação de cada tópico do DCA, acompanhada

de algumas citações nas quais os termos, originalmente marcados em cinza, são grafados em itálico. As leitoras interessadas poderão consultar o DCA na íntegra, seguindo as referências indicadas na seção anterior.

No primeiro tópico, 'COVID-19: mais uma de tantas pancadas', a pandemia figura não como a grande ameaça, e, sim, como mais uma dificuldade, não por ser trivial, mas porque sua severidade exacerbou e foi intensificada por outros agravantes: fome, desemprego, falta de banheiro e de moradia. O descaso do governo é atribuído à invisibilidade das periferias e a seu desprezo, situações que, muitas vezes, impedem a adoção de medidas preventivas no formato preconizado. O surgimento da ocupação do Buracanã e a situação de pessoas sem moradia são abordados, assim como a solidariedade e o cuidado mútuo para resistir às adversidades. Destacam-se aqui a afirmatividade dos posicionamentos, a sensação de abandono e a solidariedade multiespécie, assim como uma foto (*figura 1*) que ilustra parte do Buracanã, dividido em lotes quadriculares, sobre superfícies irregulares de entulho, alguns com paredes e teto de plástico ou até sem plástico, apenas delimitados.

A realidade de quem está de fora nem se aproxima da realidade de quem está de dentro, o ir visitar não é o ir vivenciar, é diferente! Não é porque a pessoa vai lá na favela, conhece quem é da favela, que conhece a realidade, vivenciar é diferente! Você tem que vivenciar o dia a dia, ver as necessidades e as vitórias, cada um tem uma situação que está passando²⁰⁽⁴⁾.

É horrível se sentir um nada, [...] invisível, ver aquele monte de mãe que já está lá com criança, com cachorro, com tudo o que sobrou, sabe? Naqueles espaços minúsculos, sem água, a gente tem que pegar água em galão para lavar louça e fazer comida²⁰⁽⁶⁾.

A gente tem que se manter forte por amor àquelas pessoas da ocupação, por amor aos animais que já estão lá dentro. Precisamos de uma armadilha porque tem muito [...] animal.

Como os gambás que acabam sendo perigosos e depois morrem [...] tentando defender uma cria ou, porque a gente invade o espaço deles. A gente entende totalmente eles e não queremos matá-los²⁰⁽⁷⁾.

[...] não estamos lutando apenas por nós mesmos, mas também pelo outro, a gente aprendeu a olhar o outro, aprendeu a deixar as diferenças de lado, aprendeu também a dividir [...]²⁰⁽⁸⁾.

Figura 1. Foto do Buracanã, terreno ocupado na favela São Remo, 2021



Fonte: Baquero¹⁶.

‘Gestão do cuidado comunitário’ mostra como o cuidado mútuo se organizou para captar e distribuir doações de alimento e produtos de higiene e para incentivar a prevenção da transmissão. A sensação de dependência e esgotamento após um ano de pandemia se reflete nas falas.

Esse ano, eu acredito até que as coisas estão começando a complicar para os moradores, né? E a gente já começa a mobilizar, pedir, porque o custo de tudo está alto. Não tem auxílio emergencial, [...] não deu para atender toda a população, sabe?²⁰⁽¹³⁾.

Na seção ‘Crianças e adolescentes da São Remo’, aparece a ansiedade gerada pela mídia, insistindo nos comportamentos preventivos, uma vez que as realidades periféricas se tornam impedimentos; a perda de equipamentos culturais; a violência contra crianças e a violência presenciada por elas, atribuída ao convívio intradomiciliar mais frequente; a preocupação com a educação das crianças e com os professores, obrigados a se expor ao vírus nas aulas presenciais.

[N]essa questão de restringir as crianças em casa, a gente não consegue. Eles continuam

na rua hoje, mais na rua do que em casa. E os que estão em casa estão viciados no jogo²⁰⁽¹⁵⁾.

Alguns pais [...] não estavam acostumados com as crianças o tempo inteiro em casa [...]. A gente já presenciou criança apanhando por fazer besteirinha, bobagem, nada que leve a sair do sério²⁰⁽²⁰⁾.

Por fim, em ‘Famílias multiespécies’, os relatos destacam o valor da companhia de outros animais e a preocupação com o abandono, o confinamento, a fome e a violência. A *figura 2* mostra o interior de uma casa, na qual o arroz era a principal fonte de alimento da mulher e dos cães e gatos que nela residiam. O arroz arrecadado em doações era estocado num armário e é o conteúdo do prato que está no chão, entre o armário e a mesa.

O afeto, companheirismo, tempo, saúde mental passaram a ser mais valorizados com os animais. Morar com eles contribuiu para fazermos companhia uns aos outros, ajudou principalmente com as crianças que residem nas nossas casas²⁰⁽²¹⁾.

Com o isolamento, as pessoas acabam ficando mais estressadas, judiam dos animais e dos seres humanos. Descontam o fato de não poder estar saindo, [...] por ser mandado embora no emprego, descontam nos animais, nas pessoas em casa, isso está acontecendo muito, entendeu?²⁰⁽²⁴⁾.

Os animais são seres vivos, indefesos, eles dependem das pessoas para conseguir alimento, não é justo fazer isso com eles, sendo os melhores amigos que a gente tem²⁰⁽²³⁾.

Figura 2. Foto do interior de uma casa, mostrando o arroz estocado no armário e servido num prato no chão. Note-se o cachorro preto perto do prato na parte inferior da imagem, assim como as patas do cachorro embaixo da mesa e gato sobre a mesma. São Remo, 2021



Fonte: Baquero¹⁶.

Discussão

O DCA, ideado a partir do diálogo entre saberes populares e acadêmicos, é uma ferramenta que auxilia na produção de conhecimento, reflexão e posicionamentos afirmativos. Permite usar uma linguagem acessível e familiar para quem tem proximidade com as vivências sobre as quais versa o discurso, enfatizando a revisão, a aprovação e a autoria coletivas do discurso. Isso diversifica a produção textual de saberes, oferece outros pontos de vista e facilita o alcance de outros públicos, algo que pode ser decisivo para reformular o entendimento e a abordagem de situações marginalizadas²¹. Adicionalmente, reconhecer explícita e nominalmente a coautoria dos que contribuem com saberes vivenciais, no lugar de reduzi-los à qualidade de informantes ou invisibilizá-los no anonimato, é um exercício de justiça epistêmica²².

A realização de um DCA com moradores da favela São Remo permitiu documentar coletivamente as vivências da pandemia na favela São Remo, num processo transformador para as participantes. O alinhamento do DCA com a IAP implica que as pessoas participantes não foram somente as moradoras da São Remo, que além de terem de dar conta do cotidiano pandêmico, organizaram-se para assumir o compromisso de contribuir para a documentação desse cotidiano. As pesquisadoras acadêmicas também foram participantes, e seu compromisso foi com o apoio de causas mobilizadas pela comunidade. Não se tratou de pesquisadores e participantes pesquisados, de fontes de informação de um lado e autoridades epistêmicas de outro.

A participação não foi uma abertura unidirecional para que pessoas não acadêmicas executassem mais tarefas de pesquisa do que o habitual. Ela foi recíproca e exigiu deslocamentos em vários sentidos. Mais que exigir o cumprimento de roteiros metodológicos preestabelecidos, os pesquisadores acadêmicos participaram da construção e aplicação sensível de procedimentos para apoiar as pedagogias

periféricas que produzem saberes e atos políticos desde e contra a marginalização. Que a participação dos acadêmicos seja sensível significa que possui capacidade de resposta e adaptação à dinâmica das circunstâncias em que a pesquisa se insere, podendo resultar na alteração ou substituição dos métodos inicialmente propostos²¹. Foi assim que, da proposta inicial de uma pesquisa baseada em fotovoz, terminou-se produzindo o DCA.

O DCA convocou os participantes não acadêmicos para decidir coletivamente sobre o conteúdo, o sentido dado ao texto pelos participantes acadêmicos e a representatividade do discurso. Mostrou-se apropriado para integrar métodos como o fotovoz, que provocam reflexão e posicionamentos afirmativos.

Nós, da universidade, estávamos mais treinados na sistematização de procedimentos e redação de textos. Além disso, a pesquisa fez parte do nosso trabalho acadêmico. Por outro lado, os participantes da São Remo eram os únicos com conhecimento vivencial da pandemia na favela, e a subsistência era o que mais lhes exigia. Tendo outras prioridades e menos familiaridade com a escrita e a elaboração de documentos, as participantes da São Remo não se envolveram na transcrição de áudios, na organização da sequência dos textos ou na formatação do documento. Por isso assumimos a tarefa de produzir a primeira versão do documento do DCA e, conseqüentemente, a organização e a formatação resultou de nossas escolhas. O fato de essa versão ter sido revisada e, posteriormente, aprovada por unanimidade levou as participantes da São Remo a se reconhecerem no DCA. Também a se conhecerem, pois, como foi posto por um morador: “*Nem sabia que a gente sabe isso tudo, que temos tanto a dizer! O problema é que nós não sabemos escrever desse jeito*”.

Conseguimos esse (re)conhecimento coletivo sem usar a primeira pessoa do singular, que, no DSC, tem o propósito de “produzir, no receptor, o efeito de uma opinião coletiva”⁴⁽¹⁾. A primeira pessoa do singular no DSC é convocada para redigir discursos ‘coletivos’ emitidos

por ‘indivíduos’; contar histórias coletivas; e representar um sujeito que fala pessoalmente (falante, estrutura estruturante) e veicula conteúdos dos outros (falado, estrutura estruturada)^{4,23}. Ora, o ‘nós’ serve com facilidade e intuitivamente a esses propósitos, e não é claro por que a primeira pessoa do singular seria o regime ‘natural’ das representações sociais⁴. Por outro lado, o ‘sujeito coletivo’ é colocado como artifício teórico pelos proponentes do DSC; como um sujeito “aparentemente paradoxal, já que redigido na primeira pessoa do singular, mas reportando um pensamento coletivo, é, sociologicamente, possível”^{4,23}. A ideia de um ‘sujeito coletivo’ assim concebido foi estranha para os participantes da São Remo. Nas palavras de um deles: “*aqui não somos ‘eu’, aqui ‘é nós’*”. Por isso, na coprodução do DCA, não colocamos a exigência de usar a primeira pessoa do singular^{4,23}.

A situação pandêmica afetou os animais outros-que-humanos da comunidade São Remo, e isso foi mais um aspecto invisibilizado pelos discursos estereotipados com relação ao que são as favelas e ao que acontece nelas, frequentemente imaginadas como lugares onde residem somente humanos, principalmente criminosos^{9,24}. Os cuidados e os conflitos multiespécies marcaram as vivências na pandemia, e o DCA mostrou relações interespecíficas e vínculos afetivos que levam tanto à amplificação como ao amortecimento dos efeitos da emergência sanitária. Quem passa por dificuldades econômicas vê diminuídas as possibilidades de provimento de alimento e cuidados dependentes da aquisição de serviços e condições materiais para os seus animais. Em algumas ocasiões, a pressão psicológica e as violências sofridas pelos humanos são transferidas aos seus animais mediante comportamentos que os estressam e agridem. Por outro lado, o cuidado mútuo ajuda a mitigar a pressão psicológica e cria, pelo menos nos humanos, um senso de responsabilidade que propicia ações comunitárias. Embora não tenha sido comentado no DCA, houve iniciativas comunitárias de arrecadação de doações,

principalmente ração, para os cachorros e os gatos. A solidariedade e as ações voltadas ao bem comum foram mais-que-humanas.

A IAP busca o bem-viver dos coletivos mais marginalizados (o que se traduz na desconstrução da marginalização), e, na presente pesquisa, não se ignorou a configuração multiespécie do coletivo da São Remo. Os moradores que contribuíram com discursos e fotos para o DCA demonstraram empatia e solidariedade para com seus animais, e, nós, pesquisadoras acadêmicas, mobilizamo-nos para entender melhor e dar visibilidade à situação desses animais por meio do DCA, além de termo-nos engajado na arrecadação de alimentos para eles. Esses animais vivenciaram a pandemia e afetaram as vivências de quem falou sobre eles ou os fotografou. Assim, a participação dessas pessoas no DCA refletiu a participação dos seus animais na composição das vivências pandêmicas.

Os animais sinantrópicos também compuseram vivências pandêmicas, e, embora tenha surgido preocupação pelo bem-viver de alguns deles, como os gambás, a principal inquietação foi com os problemas decorrentes do contato com ratos, escorpiões e mosquitos. Contudo, cabe notar que os modos de vida urbanos condizentes com o bem-viver dos humanos e dos animais e plantas diretamente cuidados por eles também são relativamente benéficos para algumas das espécies sinantrópicas mais envolvidas em zoonoses e acidentes peçonhentos, pois se trata de situações ambientais menos favoráveis ao seu nascimento, e, assim, um número menor deles acaba sofrendo com a aplicação de métodos de eliminação para controle populacional. Entretanto, o que é melhoria ambiental em termos de limpeza e maior biodiversidade é, também, uma situação relativa, já que novas formas de relação entre espécies trazem consigo, também, novos tencionamentos. Assim, a promoção da saúde multiespécie é um processo situacional que também resulta na troca de uns problemas por outros, sendo a qualidade da troca algo fundamental.

Conclusões

O DCA, ideado a partir do diálogo entre saberes populares e acadêmicos, é uma ferramenta que auxilia na produção de conhecimentos, reflexões e posicionamentos afirmativos. Resulta de modo conveniente quando o conteúdo do discurso é uma expressão de vivências marginalizadas de quem não tem familiaridade com a produção textual, mas participa em processos comunitários e tem interesse em balizá-los com documentos de cunho afirmativo, informativo e reivindicativo. O DCA sobre as experiências pandêmicas na São Remo evidenciou situações que, embora, em termos gerais, sejam comuns às favelas, demandam respostas específicas para dar conta da configuração que assumem na São Remo. Reforçou que emergências sanitárias, como a covid-19, mesmo se tratando de uma doença de transmissão pandêmica apenas entre humanos, é um problema de saúde multiespécie.

Colaboradores

Baquero OS (0000-0003-2695-7946)* contribuiu para concepção da pesquisa, realização de entrevistas, revisão do DCA, e escrita e revisão do manuscrito. Faria JA (0000-0002-5821-2706)* contribuiu para concepção e orientação do fotovoz, organização do DCA, e escrita e revisão do manuscrito. Silva SCA (0000-0002-3560-1864)* contribuiu para concepção e orientação do fotovoz, organização do DCA, e escrita e revisão do manuscrito. Barrientos DMS (0000-0003-1562-0598)* contribuiu para concepção do fotovoz, revisão do DCA, e escrita e revisão do manuscrito. Germani ACCG (0000-0002-7409-915X)* contribuiu para concepção do fotovoz, revisão do DCA, e escrita e revisão do manuscrito. Santos GA (0000-0003-4408-2119)* contribuiu para escrita e revisão do manuscrito. ■

Referências

1. Cornwall A, Jewkes R. What is participatory research? *Soc Sci Med.* 1995;41(12):1667-76.
2. Furtado LAC, Chioro A, Nakano AK, et al. Caminhos metodológicos de pesquisa participativa que analisa vivências na pandemia de Covid-19 em populações vulneráveis. *Saúde debate.* 2020;44(esp 4):306-18.
3. Rappaport J. El cobarde no hace historia. Orlando Fals Borda y los inicios de la investigación-acción participativa. Bogotá, DC.: Editorial Universidade del Rosario; 2021.
4. Lefevre F, Lefevre AMC. O sujeito coletivo que fala. *Interface (Botucatu).* 2006;10(20):517-24. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-32832006000200017>
5. Strack RW, Orsini MM, Ewald DR. Revisiting the roots and aims of photovoice. *Health Promot Pract.* 2022;23(2):221-9.
6. Evans-Agnew RA, Rosemberg MAS, Boutain DM. Emancipatory photovoice research: a primer. *Health Promot Pract.* 2022;23(2):211-20.
7. Baquero OS. One health of peripheries: biopolitics, social determination, and field of praxis. *Frontiers in Public Health.* 2021;9:1-12.
8. Baquero OS, Benavidez Fernández MN, Acero Aguilar M. From modern planetary health to decolonial promotion of one health of peripheries. *Front Public Health.* 2021;9:1-11.

*Orcid (Open Researcher and Contributor ID).

9. Malfrán YIM, Baquero OS. Problematizando as alteridades para uma compreensão feminista e decolonial da saúde única em periferias. *Saude soc.* 2023;32:e220301pt.
10. Wallace R, Liebman A, Chaves LF, et al. COVID-19 and circuits of capital. *Monthly Review* [Internet]. 2020 maio 1 [acesso em 2024 jan 20]. Disponível em: <https://monthlyreview.org/2020/05/01/covid-19-and-circuits-of-capital/>
11. Kirksey E. The emergence of COVID-19: a multispecies story. *Anthropology Now.* 2020;12(1):11-6.
12. Baquero O, Silva SCA, Faria JA. Ecologia da violência nas periferias urbanas em tempos de emergências sanitárias [Internet]. *SciELO Preprints.* 2024 [acesso em 2022 jul 14]. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/4219>
13. Silva ES, Peçanha É, Gonçalves DM. Censo vizinhança USP: características domiciliares e socioculturais do Jardim São Remo e Sem Terra. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo; 2021.
14. Grinover MM, Zuquim ML. Didáticas para análise urbana em área precária: um estudo na São Remo em São Paulo. *PosFAUUSP.* 2019;26(49):e150617.
15. Rodrigues R. Fechado pela Prefeitura de SP há mais de 1 ano, circo escola da favela São Remo sofre com depredação e ameaça de invasão. *G1* [Internet]. 2021 maio 30 [acesso em 2024 jul 29]. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/05/30/fechado-pela-prefeitura-de-sp-ha-mais-de-1-ano-circo-escola-da-favela-sao-remo-sofre-com-depredacao-e-ameaca-de-invasao.ghtml>
16. Baquero OS. Animais de companhia. In: Silva ES, Peçanha É, Gonçalves DM, editores. *Censo vizinhança USP: características domiciliares e socioculturais do Jardim São Remo e Sem Terra.* São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo; 2021.
17. Baquero OS. Ambiente e animais sinantrópicos. In: Silva ES, Peçanha É, Gonçalves DM, editores. *Censo vizinhança USP: características domiciliares e socioculturais do Jardim São Remo e Sem Terra.* São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo; 2021.
18. Catalani C, Minkler M. Photovoice: a review of the literature in health and public health. *Health Education and Behavior.* 2010;37(3):424-51.
19. Rede SUP. Saúde Única em Periferias [Internet]. São Paulo: USP; 2022 [acesso em 2024 jun 2]. Disponível em: www.saudeunicaemperiferias.com
20. Amorim JF, Silva SCA, Germani ACCG, et al. Vivências da pandemia na São Remo: um discurso coletivo [Internet]. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados; 2021 [acesso em 2022 jun 2]. p. 26. Disponível em: <https://zenodo.org/record/5211531>
21. Stengers I. Uma outra ciência é possível. Manifesto por uma desaceleração das ciências. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo; 2023.
22. Petteway RJ. On epidemiology as racial-capitalist (re) colonization and epistemic violence. *Critical Public Health.* 2022;33(8):1-8.
23. Lefevre F, Lefevre AMC. Discurso do sujeito coletivo: representações sociais e intervenções comunicativas. *Texto Contexto – enferm.* 2014;23(2):502-7. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-07072014000000014>
24. Baquero OS, Peçanha É. Comunidades e famílias multiespécies: aportes à Saúde Única em Periferias. São Paulo: Editora Amavisse; 2021.

Recebido em 18/03/2024

Aprovado em 21/09/2024

Conflito de interesses: inexistente

Suporte financeiro: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)

Editora responsável: Ana Maria Costa